

DF - Saúde 2 SET 1985

Hospital faz 29 anos

CORREIO BRAZILIENSE

e tenta vencer crise

O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), ex-HBB, comemora, hoje, 29 anos de serviços prestados ao DF com muitas histórias e poucas verdades. Carregando o estigma de Brasília de que o melhor médico é a ponte aérea, o HBDF mostrou serviço, nos últimos meses, acumulando o atendimento a vítimas de três acidentes de grandes proporções, em menos de um ano, com o Setor de Emergência fechado para reforma. A Secretaria de Saúde já investiu NCz\$ 40 milhões dos 103 que pretende gastar com equipamentos e obras que espera inaugurar até o final de novembro. Entre as comemorações do aniversário, tem início, hoje, a 8ª Semana de Estudos Técnicos Administrativos no auditório "Tancredo", do Pavilhão Técnico. "Pronto mesmo, o HBDF só deverá ser entregue à população dentro de cinco anos", afirma o secretário Milton Menezes.

Foi com a morte do presidente eleito, Tancredo Neves, atendido de imediato no HBDF, às vésperas de sua posse em março de 1985, que o estigma de Brasília foi reforçado. O hospital carrega, até hoje, a má fama que o atual diretor, Maurício Cariello, acredita que só vai acabar com o tempo. "E com a demonstração através dos resultados positivos — só aparece estatística negativa — da nossa competência", afirmou o diretor. Ele diagnosticou o hospital partindo de três sintomas graves, além da fama, para não ser o pretendido "modelo": recursos financeiros, humanos e deficiência tecnológica.

Inaugurado em 12 de setembro de 1960 pelo então presidente da República Juscelino Kubitscheck, o HBDF era o "Hospital Distrital de Brasília" e servia de referência por sua concepção e organização muito modernas para a época. "Acredito que todos os grandes especialistas de Brasília passaram por lá", afirma o médico Pedro Pablo Chacel quase pioneiro no ex-HBB. Ele concorda com o di-

agnóstico de Cariello lembrando que, no início, o hospital tinha grande disponibilidade de recursos e dava "status", no resto do País, fazer um estágio nele. Com o tempo, o HBDF foi se deteriorando chegando ao ponto de um ex-governador ter sugerido o seu fechamento e a construção de um outro hospital, em outro local.

Maurício Cariello disse que não "pediu" para atender às vítimas do acidente da Varig no último dia 27: "A escolha do HBDF foi feita por dispor da melhor equipe de profissionais multidisciplinares da região". Garantiu, também, que não tomou a iniciativa de "segurar" qualquer paciente, apenas deu a opinião de que poderiam continuar o tratamento em Brasília como foi o caso da pequena Bruna Lorena Costa, cuja perna ameaçada de amputação foi recuperada e, até ontem, não apresentou qualquer sintoma de infecção que até poderia ser considerada normal já que tem feridas abertas. "Vamos pagar hora extra para o pessoal da UTI continuar a cuidar de Bruna", afirmou, garantindo poder atender a outros 10 casos similares.

"Sou o primeiro a recomendar a remoção de um paciente quando vejo que não temos condições de resolver o problema" disse. Foi o caso de Fidélis Sarno que se encontra em São Paulo por indicação do diretor. Fidélis precisava do tomógrafo que o HBDF possui encaixotado há seis anos com diversas peças quebradas. Quanto à falta de material de consumo e permanente, o diretor culpa o sistema financeiro: "Não há verba para a compra de material ou reposição de peças". Além de, lembra o diretor, o hospital ter sido vítima de roubo de lençóis e toalhas. "Não há mais nada para ser roubado e a vigilância foi dobrada", garante o secretário Milton Menezes que tem saudades da diretoria do HBDF: "Eu era feliz e não sabia...", brinca.